

**um amor, um sonho, um testemunho:  
educação**

**a love, a dream, a testimony:  
education**

*Eduardo Oliveira*

Educador, Poeta, Ensaísta e Babalawô  
Salvador – Bahia

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6961-7936>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14219385>

**Resumo:** Um depoimento textual que adota o formato do testemunho em primeira pessoa para enaltecer as comunidades protagonistas das experiências no campo da *Educação para as Relações Étnico-Raciais*, que são celebradas nesta publicação.

**Palavras-chave:** (1) Movimentos sociais populares; (2) Educação das Relações Etnicorraciais; (3) Religião de Matriz Africana; (4) Ética e Estética africano-brasileira; (5) Amor e Práxis de Libertação.

**Abstract:** A textual testimony that adopts the format of a personal testimony to praise the communities that are protagonists of the experiences in the field of *Education for Ethnic-Racial Relations* that are celebrated in this publication.

**Keywords:** (1) Popular social movements; (2) Education of Ethnoracial Relations; (3) Religion of African Origin; (4) African Brazilian Ethics and Aesthetics; (5) Love and Praxis of Liberation.

## **Derivando nos Movimentos Sociais Populares**

Sou um andarilho pelas sendas da utopia, do sonho e da *práxis* libertadora. Forjado pela cultura negro-africana, nunca encontrei o ponto de separação entre o sagrado e o profano, entre a natureza e o humano, entre o Eu e o Outro. Reconhecendo a distinção, mas também identificando as relações, vi sempre os pares ditos opostos, dançarem no ritmo da complementaridade. Pares complementares, em verdade, pois a oposição entre eles foi algo imposto por certo pensamento eurocentrado, que gerou um divórcio entre vida e pensamento é um desastre de alcance ambiental, social, político, econômico e cultural.

Atravesso porém, sendas educativas que interligam gerações: sou fruto das tramas de educadoras como *Helena Theodoro*, *Vanda Machado*, *Petronilha Silva*, *Maria José Gonçalves*, *Azoilda Trindade*, *Cida Bento*, *Sueli Carneiro*, *Cidinha da Silva*, *Henrique Cunha Jr.*, *Kabengelê Munanga*, entre tantas outras e outros. Sou contemporâneo da pena e da *práxis* de *Sandra Petit*, *Wanderson Flor*, *Rita Dias*, *Cláudio Orlando*. De meu galho já nasceram algumas flores que vão perfumando o caminho dessa densa floresta, que se prolonga ao infinito, em sua diversidade e beleza.

Sou um caminhante em deriva, cruzei muitas encruzilhadas nessas utopias e projetos de vida na Educação. Coincidindo com a abertura democrática no Brasil, em 1985, tomei parte da *práxis-utopia* transformadora que se organizava no país, em torno da pedagogia libertadora de Paulo Freire e seus *Círculos de Cultura*. A metodologia Paulo Freire me alcançou nas *Comunidades Eclesiais de Base* (CEBs), na época da *Teologia da Libertação*. O método *Ver-Julgar-Agir* que informou a prática formativa e pedagógica dos muitos grupos de jovens que se avolumavam pelas *Comunidades*, foi uma influência duradoura em minha própria trajetória de vida. Ali se formava um paradigma pedagógico: a prática comunitária. A Educação não é um fenômeno de solipsismo cultural, mas a afirmação contundente de uma prática coletiva e transformadora. Não foram as CEBs a minha porta de entrada no mundo da Educação, mas o *Movimento Estudantil* e o *Teatro Popular*. Tendo sido Secundarista da *União dos Estudantes Secundaristas* (UBES), participei ativamente do Grêmio Estudantil de minha Escola Pública (só cursei escola pública em toda a minha vida e em todas as etapas de ensino), que por sua vez me apresentou a arte de representar. Chegavam para mim os primeiros lampejos do *Teatro do Oprimido*, de Augusto Boal, e uma dimensão estética implicada com o social, que se desbordava em um horizonte que ainda seria desvendado e expandido.

Foi nos *Movimentos Sociais Populares* que encontrei minha principal escola de formação. Sendo do *Movimento Negro*, à época mais ligado aos *Agentes da Pastoral Negra* (APNs), e depois à *Arte Negra* e ao *Grupo de União e Consciência Negra* (Grucon), fiz parte da *Pró-Central de Movimentos*

*Populares* e depois da primeira coordenação da *Central de Movimentos Populares* no Paraná, e podia transversalizar entre o *movimento negro*, *de mulheres*, *movimento gay* (à época chamava-se assim), ambientalista, portadores de deficiência física (assim era chamado nos idos dos anos 1990), *Associação de Moradores*, *Movimento de Meninos e Meninas de Rua*, *Movimento Popular de Saúde*, *Movimento dos Sem Teto*, etc. Os Movimentos Sociais Populares (MSPs) me deram régua e compasso no passo-a-passo da formação de lideranças e *Educação Popular*. Não foi na escola formal, mas na *Educação Popular* que aprendi que a forma é fulcral nos processos pedagógicos, pois eles não podem reduzir-se tão somente ao conteúdo. Ensina-se pela forma, pela estética, pelo testemunho.

*O conteúdo é experiência, acontecimento, imanência. A vida se impõe ao pensamento; a realidade imprime seus desafios e solicita soluções [Destaque da Editora].*

### **“Confesso que vivi”...**

Em *Ética e movimentos sociais populares: práxis, subjetividade e libertação* (OLIVEIRA 2006), narro diversas experiências de *Educação Popular* em um curso de Educadores Sociais, com ênfase na *Economia Solidária*, no qual contribuí como Educador, nos anos 2004 e seguintes. A tônica, sem dúvida, era na *práxis libertadora* dos movimentos sociais. A opção, a *educação popular*, alimentada de suas diversas vertentes e metodologias, atravessando a *leitura crítica do mundo*, até a produção de cadernos e cartilhas desde o imaginário social e do repertório cultural dos grupos reunidos. Ali trançamos a reflexão sobre a produção de *subjetividade* com a da *ética de libertação*, animados que estávamos com o que se desenhava como um novo paradigma ético-estético. Líamos de Guattari, Dussel, Habermas, Deleuze, Paulo Freire e Hinkellamert. O mais importante, no entanto, era **como o fazíamos**.

*Não abrimos mão do protagonismo dos/as educandos/as e de suas comunidades de origem. Não era falar sobre o empoderamento, mas praticá-lo. Não era apenas ganhar consciência crítica sobre as relações de raça e de gênero, mas praticar a equidade. O processo é educador. Não era uma formação sobre a Economia Solidária (Ecosol), mas uma prática de Ecosol que educava [Destaque da Editora].*

Anos antes, no *Instituto Brasileiro de Educação, Cultura e Ancestralidade* (IBECA), trabalhei como assessor de metodologia de pesquisa nos cursos de intercâmbio entre Brasil-EUA, onde as aulas aconteciam nas comunidades de pescadores, assentamentos dos

trabalhadores rurais sem-terra, nos terreiros de candomblé, aldeias indígenas, na *Escola de Desenvolvimento e Integração Social para Criança e Adolescente* (Edisca), nos Movimentos Populares.

*A formação se dava a partir da experiência dos sujeitos e os/as estudantes do intercâmbio aprendiam em seus territórios. O território é educador! A Educação como um acontecimento, e não como um objeto. A teoria como mais um dispositivo de leitura e intervenção na realidade, e não como um dogma a domesticá-la [Destaque da Editora].*

No *Capoeira – Educação e paz*, um curso coordenado por Vanda Machado, no Forte Santo Antônio, Salvador, Bahia, em 2008, onde fui convidado a ser educador para um grupo numeroso de capoeiristas, entre mestres, professores, contramestres e trainers de vários sotaques da capoeira baiana. Eu, aprendiz dessa arte, me recusei, pois o que teria um aprendiz a ensinar a essa comunidade de excelência? Mas minha *Ebomi*, com sua autoridade e sua graça, me convenceu a ficar. O que se desenrolou foi lindo. Usamos da gramática dos gestos da capoeira como nossa linguagem comum – o que acabou produzindo uma equidade entre os participantes, pois todos e todas ali reunidos, em torno da experiência da capoeira, sabiam manejar, com maior ou menor maestria, os movimentos do jogo da capoeira. Inventamos uma forma de falar com o corpo. Transformamos a *ginga* em nosso processo pedagógico e formativo. Não era apenas gingar com o corpo, mas fazer a cultura gingar.

*Fazer remandiola com o pensamento. Pensar com o corpo inteiro. Interagir com o Outro a partir da manha, da malícia, da mandinga. Fazer da gramática da capoeira nossa própria linguagem. Vadiar. Jogar. Lutar. Pensar e refletir na ponta dos pés e “de cabeça pra baixo”. Ver o mundo “de pernas pro ar”. Fazer festa. Correr risco. De alguma maneira revolucionamos a própria linguagem na educação popular [Destaque da Editora].*

Na *Tempo livre: espaço de consciência e ancestralidade africana*, em Fortaleza, Ceará, as diversas atividades que ali fizemos, como Dança-Afro, Cursos de Filosofia Afro-diaspórica, Capoeira, Consciência Corporal..., todas elas tiveram **no corpo** seu signo principal. Não era então refletir sobre o corpo, mas com o corpo. Não era tomar consciência de que tenho um corpo, mas de que sou um corpo. Um corpo tem suas memórias, suas linguagens, seus limites, seus desafios, seus afetos, desafetos, interstícios... Era uma prática educativa combinando dois elementos fundamentais: alimento e movimento. Uma prática saudável de alimentação vegana,

combinada com uma prática constante de atividades físicas em espaços abertos na cidade (parques, orla marítima, serra, rua...), ou em espaços fechados (quadras de ginástica, salas de aula em escolas e universidades, salas de Ongs, etc.) onde, invariavelmente, o corpo assumia o protagonismo no processo educativo. Uma aprendizagem desde o corpo, e destes corpos interagindo com o meio ambiente (dunas, mar, lagoas, mata, serra, rio...). Parte dessa rica experiência compartilhei na publicação da *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira* (OLIVEIRA 2007).

*Essas experiências educativas me levaram a propor uma Filosofia da Educação no Brasil, pelo viés da cultura africana e afrodiáspóricas, reunindo experiências negro-africanas e diáspóricas que embasam nossa prática educativa em solo brasileiro [Destaque da Editora].*

Toda a *Trilogia da ancestralidade* (OLIVEIRA 2021), em verdade, é uma sistematização reflexiva sobre as práticas formativas da negritude em nosso solo canarinho. A Filosofia que aí nasce, ajuda a fundamentar uma pedagogia da ancestralidade que nasce daí, que fomenta práticas de libertação nos territórios onde nos (des)envolvemos: Religião de Matriz Africana, Capoeira Angola, Quilombos, Movimento Social Negro, etc. Foi assim que, por exemplo, no *Cosmovisão Africana no Brasil* (OLIVEIRA 2003) encontrei onze elementos, que na época, entendi serem os elos que ligavam a experiência Histórica Africana e a formação de seus Impérios, entre os séculos X e XV da era cristã, com as práticas culturais preservadas nos terreiros de Candomblé do Brasil, principalmente da Bahia.

Assim, *universo, força vital, palavra, tempo, pessoa, socialização, morte, família, produção, poder* e a própria *ancestralidade* eram categorias que, emergiram na própria experiência tradicional africana, e preservaram sua dinâmica nas comunidades de axé no Brasil. Para além desses elementos que julguei serem os elementos estruturantes das sociedades africanas, também trabalhei com a *oralidade, a comunidade, o ritmo, a dança, a natureza, a espiritualidade, o sagrado...* Foi face à história africana e afrodiáspórica que experimentei o sonho de educar. Educando-me na vertigem do maracatu (fui princesa do maracatu cearense, e desde ali nasceram outros projetos pedagógicos instigantes), da capoeira, do terreiro, do quilombo, da roda de samba, do chão dos movimentos sociais populares, das escolas, da academia...

Os temas que aí se desenvolveram foram múltiplos, como se vê: educação das relações etnicorraciais, história e cultura africana e afro-brasileira, antropologia da população afro-brasileira, literatura africana e afrodiáspórica, sociologia do negro no Brasil, ancestralidade, comunidade, circularidade, oralidade, corporeidade, filosofia, práxis de libertação,

pedagogia libertadora. Todos eles através do protagonismos de seus sujeitos: mulheres e homens pretos, não-pretos, indígenas, crianças, ativistas, pesquisadores/as, professoras/es, gestores/as, artistas. Sempre e sempre em seus territórios de pertencimento: terreiros, quilombos, grupos de capoeira, assentamentos, comunidades...

A diversidade é tamanha e a experiência é infinita, pois não me centro em minha experiência, mas a utilizo como abertura para um portal infinitamente maior das experiências e sonhos na educação de **um tempo**. O nosso tempo. O tempo do agora. Ao olhar, em retrospectiva, para esse mosaico, e em cada fragmento topar com sonhos e utopias, refletidos em cada um deles, ao defrontar com desafios e riscos que cada um deles também me apresentou (nos apresentou), ao ver a variedade de fontes, temas, métodos e teorias mobilizadas, ao ver o volumoso jogo entre forma e conteúdo que os configurou, dou-me conta, estupefato, **que um tema me escapou ao longo dos anos**.

*Um tema que sempre esteve lá, oculto ou manifesto, e que, no entanto, não mereceu um tratamento explícito, como agora ele exige. Um tema que deu dinâmica, produziu elos, que relacionou uma coisa à outra, que deu sentido à maioria delas e que, entretanto, não figurou com sua face explícita, em nenhum desses livros ou nos muitos artigos e cursos que agencei mundo afora. Um tema sem o qual eu não teria jamais me envolvido nessa seara. Um tema que é o sol que aquece e anima todos esses outros astros. Dou-me conta, surpreso, que jamais havia falado sobre ele, que é aquele que me orienta: **o amor** [Destaque da Editora].*

### **Um itã amoroso**

Recentemente, publiquei um livro chamado *Regime ancestral* (OLIVEIRA 2023) no qual narro integralmente um *itã* do odu de *Edjiobe*, da tradição de *Ifá*, o qual reconto, aqui, resumidamente.

*Orumilá, o profeta, queria encontrar Sophia e desposá-la. Mas onde seria a morada da Sabedoria? Nem Ifá sabia. Foi então, que ele perguntou a seu amigo Exu, que não se fez de rogado, e ensinou que o profeta, com seu irofá, deveria bater em 16 portas, e de cada uma aprender seu segredo. No entanto, não deveria permanecer em nenhum desses mistérios gozando de seus privilégios. Essa era a condição de encontrar a Sabedoria. Orumilá bateu na primeira porta, anunciando quem ele era, como faria em todas as outras, e da primeira porta (edjiogbe) aprendeu os mistérios da Vida. Na segunda porta*

*(oyeku), aprendeu os segredos da Morte. Espírito e Matéria foram os encantos que aprendeu na terceira (Iori) e quarta (Odi) portas, consecutivamente. Depois aprendeu sobre o Poder dos Homens e a Violência (Ierossun), o Poder das Mulheres e a Restauração (Oworin), sobre a Autonomia e a Teimosia (Obara), sobre a Linguagem (Okanran), sobre o Poder de Realização e Destruição (Ogunda), e sobre as Feiticeiras e seu poder ilimitado (Osá). Já tendo vencido as 10 primeiras portas, Orumilá seguiu seu caminho, estupefato diante de tanta beleza e diante de tanto horror, com seu irofá de marfin, tocou na porta da Reencarnação (Iká), da Matéria (Oturopon), da Visão Mística (Otura) e da Cura e da Loucura (Irete). Quando entrou na 15ª porta encontrou o fim da matéria, a putrefação (Oxê). Estancou. Aprendeu seu segredo e por meio da oração, finalmente, chegou à 16ª porta. Ali encontrou a gigante chamada Ofun. Compreendeu imediatamente que todos os outros Odus provinham de Ofun. Gritou: Hepa-Babá!, para afugentar o medo e saudar a gigante. Foi aí que ele encontrou Sophia. Se conheceram. Se gostaram. Casaram-se. Doravante Orumilá e Sabedoria vivem juntos e inseparáveis [Destaque da Editora].*

Recorro a esse *itã de Ifá* para tratar de como nos relacionamos com o amor, e com o conhecimento, em uma das muitas tradições africanas preservadas e ressignificadas entre nós.

*Adianto que meu sonho, em Educação, é justamente habitar a morada do amor. A relação com o conhecimento não é uma relação racional. Não posso dizer, “penso, logo existo”, porque minha existência não está reduzida à atividade cognitiva. Eu poderia dizer, “amo, então existo”, posto que a experiência do amor é a mais vasta das muitas que constituíram minha existência privada e coletiva [Destaque da Editora].*

Ao passo que o Ocidente, pelo menos a partir da Modernidade, estabeleceu a produção do conhecimento como uma atividade meramente racional e que, justamente essa operação está na fonte mesmo do Mercantilismo, do Colonialismo, do Patriarcalismo, das desigualdades de gênero, classe, raça, etnia e sexualidade.

*A Experiência Africana que reivindico, optou por uma relação erótica com o conhecimento. Uma relação, assim, amorosa, revela outra dinâmica nos processos educativos e*

*pedagógicos. Permitam-me derivar sobre o Amor [Destaque da Editora].*

## **Derivas de amor**

Antes, vale lembrar, que trato do Amor e uma vertente Poética, isto é, extrapolo o reino da linguagem formal, racional, modelizada, para adentrar no reino do sentido incandescente da palavra, lá onde posso dizer o que não é possível ser dito; onde a palavra não é controlada pelas normas sintáticas, e mesmo semânticas, mas escapa a qualquer redução de sentido. O que a palavra não diz, a poética (re)vela. A poética, então, está para o ordem do sagrado, do inconsciente, do vazio, do infinito, do sentido..., ou seja, justamente onde o amor faz sua morada.

Minha questão é saber como o amor é compreendido em uma perspectiva africana e afro-diaspórica. Resumo, aqui, o horizonte hermenêutico do qual me valho para dinamizar uma narrativa amorosa na Educação:

*... na cultura de matriz africana, ao menos no complexo banto-jêje-nagô, a **natureza** antecede o tempo e o espaço, posto que ela é nossa ontologia; é ela quem vive na tensão criativa entre opostos complementares. A natureza é a face múltipla da criação de Olodumare, e a diferença é afirmada positivamente, sem criar pares assimétricos entre o Eu e o Outro, entre Humano e Sagrado, entre Natureza e Cultura, entre Negros e Brancos, Homem e Mulher, Adulto e Criança, Cis e Trans... A diferença não é tomada como signo de desigualdade. Justo o contrário: a afirmação da diferença é a afirmação permanente do Projeto Afirmativo de Olodumare que, a partir da criação e da singularidade, multiplica as diferenças e, desta forma, convida à co-criação permanente e responsável, no eterno desafio da novidade, na ação incessante de criação e criatividade, como elementos fundamentais para se constituir o horizonte do mundo da vida onde circulamos e interagimos as criaturas [Destaque da Editora].*

Curioso é perceber que nas narrativas das religiões de matriz africana não temos a predominância da categoria “amor”. Raramente ele aparece em nossos *itãs, orikis, suras, orins* e *odus*. Mesmo a literatura especializada debruçou-se pouco sobre o tema. Aliás, essa parece ser uma ausência nas culturas primevas. Não me lembro do AMOR ser um tema recorrente na cultura xintoísta, hindu, zen, etc. Até mesmo para os pré-socráticos o amor não é um tema, ainda que as “filosofias vitalistas” (aquelas



filosofias que não traem a vida, mas, a afirmam) afirmem o bem-viver e, digamos, os pressupostos para uma boa experiência amorosa.

Ainda mais curioso é o fato de que a Filosofia ocidental, a partir de Sócrates-Platão-Aristóteles, se voltasse para o exercício formal do pensamento, ou seja, o destino da Filosofia é o próprio pensamento. É quando o pensamento trai a vida. O que faço notar é que foi justamente no período áureo da Filosofia clássica, que Platão dedicou um de seus diálogos inteiramente ao tema do Amor, a saber, “O Banquete”. Quando a Filosofia encontra na Razão o seu espectro, é que o amor, em termos de Filosofia “madura”, ganha espaço no palco da razão. Um amor racional, pois não?! Um discurso sobre o amor já controlado pelos ditames da razão.

Os pré-socráticos, no entanto, estavam voltados para a *physis* (natureza), no tempo vitalista da Filosofia grega. Reparem: a Antiguidade Helênica tem semelhança com o mundo tradicional africano, asiático e ameríndio. Há uma aliança entre África, Ásia e a América, e a própria Europa primeva, antes de Sócrates. Elas comungam um pensamento comprometido com a vida. Não é um pensamento formal, mas vital.

*Quando o pensamento se ocupa apenas dele, perdemos a potência do vitalismo, perde-se a natureza para ganhar a lógica, perde-se a Experiência para o Império da Razão. O que faço notar é exatamente esse aparente paradoxo: enquanto no vitalismo grego (antes de Sócrates), a Filosofia se ocupava da vida, mas não se ocupava do amor; já no auge da Filosofia clássica, com Platão e Aristóteles, o amor se torna tema, porém, domesticado pelas rédeas da razão [Destaque da Editora].*

O paradoxo persiste nas culturas tradicionais africanas, no nosso caso, o Reino do Daomé, da *Yorubalândia*, e no reino do Congo, pois é curioso que a tradição oral pouco se reporte ao amor, no tempo em que ela é mais vital.

O amor, entretanto, é um tema agenciado nas culturas religiosas como um todo, sobretudo no Cristianismo. A teologia medieval, e sobretudo aquela teologia produzida sobre o Novo Testamento, vai dar grande ênfase ao amor. Outra curiosa semelhança: a exemplo da Filosofia clássica e da “maturidade” da razão, quando o amor aparece por primeira vez, na galeria da Filosofia grega, o amor aparece na Teologia Cristã, com o desenvolvimento da Teologia madura da Igreja Católica, tanto na obra de Santo Agostinho, quanto na *Suma Teológica* de Santo Tomás de Aquino, isto é, no auge da Teologia (que é, já dissemos, o estudo racional da fé). Ou seja, quando a vida se desenrola, digamos, mais espontânea, afirmando as vicissitudes da própria vida, o amor não é um tema, mas quando, seja na

Filosofia, seja na Teologia, a razão impera, o amor verte-se como tema preponderante.

Ainda neste reino de perplexidades chamo a atenção que, apesar do proclamado sincretismo das Religiões de Matriz Africana com o Cristianismo, ainda assim, o amor não se tornou tema recorrente nas tradições africanas. Por quê? A questão é instigante, mas não é ela que me ocupa neste texto-testemunho. Persigo o fenômeno amoroso imbricado com a educação pela via da cultura de matriz e de matriz africana no Brasil. O que fiz notar, até aqui, é que quando o amor parecia mais vivenciado, sobre ele nada era falado; e quando a razão imperou na Filosofia — e na Teologia — ele ganhou espaço discursivo, deflagrando um terrível paradoxo: nos tempos do vitalismo, o amor era ausente; no tempo do controle racional foi tema permanente.

### ***Ilê-Ifé: a morada do amor***

Os temas fulcrais para as comunidades de terreiro giram em torno da própria comunidade, do território, do axé, da natureza, da reciprocidade e do sacrifício, do mistério, da conduta, mas o amor como tal, não aparece com a mesma importância e recorrência. Quando a palavra amor surge nos terreiros, ela vem carregada da carga semântica do amor romântico, do amor cristão, do amor cortês, ou seja, vem de fora para dentro (exógeno). Esse amor, assim, alienado, entra em contradição com o *modus operandi* da cultura tradicional africana. Por que não temos uma narrativa sobre o amor dentro dos terreiros de axé e da cultura ioruba? No *corpus* dos 256 *Odus*, também não aparece a palavra amor como tema relevante. Porém, do jeito como vejo, a cultura *jêje-banto-nagô* é um complexo cultural do amor. Isso me deixa perplexo, porque sendo uma cultura do amor, não fala dele. Parece-me que ela consegue preservar uma concepção, uma prática vitalista do amor; uma dimensão onde o amor é criativo, inegociável, transformador, revolucionário, incontrolável, e ainda assim, não aparece nas narrativas. Isso parece uma flagrante contradição.

Tais indagações me conduziram em direção a um mito fundador da cultura *yoruba*, em direção à cidade mitológica (e histórica) da fundação do mundo: *ILÊ IFÉ*. Ela é a cidade primordial para os *yorubas*. Onde nasceu o mundo.

- O que significa *Ilê-Ifé*?
- Que surpresa!
- *Ilê* = Casa; *Ifé* = Amor

*O nome do lugar onde nascemos como civilização mítica (e histórica) é “A Casa do Amor”. A cidade do amor. Isso é sensacional! Minha hipótese é a seguinte: não precisamos falar*

*do amor, quando vivemos em sua casa. Quando vivemos na casa do amor (ilê ifé), todas as coisas estão circunscritas por ele. O amor é o **espaço** onde vivemos. É um lugar. Um território. O amor tem a ver com a dimensão pragmática, presencial, corporal, física, de habitar um lugar. Habita-se o lugar como amor [Destaque da Editora].*

O amor, nas culturas de matriz africana, é o que relaciona os seres, e por isso eu o associo a *Exu*, e o *Exu* está associado ao erótico cósmico, ou seja, a relação entre os seres desde antes da criação dos seres humanos, como também das relações entre humanos, no seio da sociedade. *Exu* comunica todos os seres. O que mantém todos os seres agregados é o amor.

O amor, em um primeiro momento, não é um sentimento humano, mas é condição da criação das criaturas, e do modo pelo qual as criaturas se relacionam. É uma verdadeira poética da relação! A condição para a criação é o amor. A condição da relação entre as diferenças criadas é o amor. O amor, portanto, é o elo entre as criaturas. O amor é essa energia que conecta os seres, para produzir novos seres. Não me refiro apenas ao reino humano, mas a todo o reino animal, vegetal, mineral e espiritual. Os seres se atraem pela força da gravidade. No universo criado, aquilo que na física, chamamos de gravidade, na Filosofia *yoruba*, estou chamando de amor. O amor é essa gravidade que mantém o mundo coeso e conectado, orbitando em torno do grande sol. Quem é o sol em nossa cultura? *Olodumare!* É quem propicia a vida!

O amor é essa gravidade que mantém os corpos relacionados, mantendo um cosmos. Mantém, portanto, uma relação elíptica (não-linear) onde os planetas orbitam o sol, em elipse. Temos uma divindade — *Exu* - que é o próprio movimento da galáxia. O amor é essa gravidade que nos agrega. Nesse sentido, o amor está relacionado ao que chamamos, na astrofísica, de matéria escura. Por outro lado, há uma outra força, que é uma força de expansão, ao contrário da gravidade, ela não congrega, mas expande, ultrapassa os limites. Ela não agrega em torno do sol, mas expande para além do sol. Chamo a essa força, também, de amor. A energia escura!

O amor tem duas polaridades: uma da força da gravidade, e a outra, da expansão. O **amor-comunhão** que se resolve como comunidade. E o **amor-cósmico** que se resolve como criação. O primeiro nos mantém em comunidade, e cria coesão (sociedade). O segundo, expande nossos limites e sugere a criação. A gravidade está para a comunidade, assim como a expansão está para o mistério. A expansão é a criação. A gravidade é a criatura. O amor, portanto, é esse elo que junta criador com criatura. Mistério com Imanência. O amor, então, não é apenas aquilo que é visível em nossa casa comum: *ilê ifé*. O amor também é nosso mistério comum. O amor é da ordem de *Olodumare* — nosso mistério comum, e da ordem de *Exu*, ou seja, a criatura que gerencia toda a criação. O amor junta as duas esferas.

Conecta o cosmos e o corpo. Conecta o *ipori* — a consciência universal, com o *ori* — a consciência individual. O amor é incondicional (*ilé ifé*).

O amor não é submetido à política, à economia, ao Estado, à Lei, à moral, à religião, à linguagem... Ele é incondicional. Ele é dadivoso (da ordem da dádiva). Sua lógica é a da criação, justo porque ele é da ordem da dádiva. Sobretudo no mistério, ele é dadivoso, e na criatura, ele é recíproco. Nos mistérios do infinito, de *Olodumare*, da energia escura, da expansão, do nada, do inconsciente, o amor é pura dádiva. Ele é gratuidade. Ele não tem por quê. Ele se perpetua da maneira mais generosa possível. O amor no âmbito da expansão, do infinito, do inconsciente, do escuro, do profundo, é dadivoso. É sem motivo. Não tem explicação. Ele não é racional. Ele vem antes da razão. Não necessita de nenhum condicionamento. Portanto, nessa dimensão, o amor não vê credo, cor, tamanho, sexo, origem, dinheiro... nada. Ele é generoso. Ele está preocupado apenas em CRIAR.

Já na dimensão do que já foi criado, na dimensão do cosmos e do corpo, o amor é reciprocidade. O amor no mundo das criaturas é recíproco. O amor no mundo do mistério é gracioso. No mundo das criaturas, o amor já entregou a vida, pela graça, aos viventes. O que nos rege é a reciprocidade. Agora, o amor já não se contenta, apenas, em gerar a vida. Agora, ele deseja que a vida se multiplique, se relacione, se conecte, se comunique.

É a vida de amor entre as criaturas, que segue o padrão criativo de *Olodumare*, ou seja, segue com a criação do universo, pela via da reciprocidade. Somos centelhas de *Olodumare* — *ibikiti* - e com esse fogo original e criativo podemos continuar a criação de *Olodumare*. Somos criaturas-criadoras. Somos um híbrido! A regra que nos assiste é a reciprocidade.

*Então, finalmente, podemos entender a regra que rege os terreiros de Religiões de Matrizes Africanas que é baseado na lei de oferenda e sacrifício. Dá-se para receber. Se apenas recebermos a criação para; se apenas darmos, não subsistimos. A reciprocidade mantém a criação em ação, e mantém nossa existência no mundo das criaturas, porque dar e receber é condição do vivente. Só dar é contra a vida, e só receber também. Somos frutos da dádiva, contraímos uma dívida porque recebemos a vida gratuitamente, e saldamos a dívida com a reciprocidade, ou seja, continuando a obra do criador. Nos terreiros, o amor fala a língua do zelo, do cuidado... Quando vivemos num terreiro (nossa *ilé ifé*), o que fazemos? Cuidamos! Zelamos da casa e seus habitantes. Nosso lugar de intimidade. De subsistência. De lazer. De repouso. De espiritualidade. Da criação e educação dos filhos. Meu lugar de zelo, de autocuidado, de comunidade. O que requer cuidado? Um lugar! Uma pessoa! O amor é um lugar, que sem*

*cuidado, não prospera. Não há necessidade de falar amor, se eu já vivo a ética do cuidado. Certamente, é por isso, que na matriz africana, não se utiliza o termo “amor”, pois quem já vive na atitude do cuidado, já está habitando a casa do amor (ilê-ifé). O que importa, na experiência-amor, não é o dito, mas o feito! O amor é atitudinal. Ele não se encerra em um discurso [Destaque da Editora].*

Na cultura *jêje, nagô e banto*, ele é uma atitude de zelo. E esse cuidado é recíproco. Ele não só dá (dádiva), e não só recebe (dívida). Ele é da ordem das trocas. No espaço do terreiro todos são cuidados, e não apenas os seres humanos, independente de seus títulos e cargos, mas também, os animais, os minerais, os vegetais e os espíritos ancestrais e divinos. É a lógica do osé, o cuidado diário. O osé é uma atividade de reciprocidade. É quando restituímos à natureza, o que dela extraímos. É um cuidado pleno entre vários reinos: animal, vegetal, mineral e espiritual. O amor não é só humano, ainda que passe pelos seres humanos. O zelo não é antropocêntrico, mas plural, entre os seres e sua diversidade. É uma política do cuidado, uma ética do zelo, uma ecologia que vai do fundo do meu quintal, ao espaço cósmico-sideral.

O pensamento ocidental despreza os ancestrais, ao passo que o pensamento africano tem na experiência dos ancestrais, o seu fundamento. Ao desconsiderar o saber dos ancestrais, os ocidentais dessacralizam o saber, e ferem de morte a Educação. O mundo dos ancestrais é o mundo do mistério. É para onde o espírito avança, se expande. Se vivemos no mundo onde a gravidade é a lei, e nos reúne como comunidade, os antepassados vivem no mundo da expansão, ou, como chamo, do infinito, que é quando ultrapassamos as fronteiras do já conhecido.

O mundo da gravidade é o mundo do já dado; o mundo do infinito, é o mundo da criação. É o mundo da criatividade. O sagrado, que é a dimensão do mistério, para nossa cultura, está para a criatividade, assim como o já dado, está para os relacionamentos sociais. No já dado, eu tenho reciprocidade, que é quem rege as relações; no Mistério, eu não tenho o já dado, mas a criatividade, cuja lógica é a da dádiva, que permite a emergência da vida.

A vida é a forma, o vivente é o conteúdo. Assim, estamos relacionando forma e conteúdo, antepassado e vivente, sagrado e profano, na mesma esfera do cosmos (*ilê-ifé*). O mistério está para além do cosmos. O mistério é para onde o cosmos deriva. Sabemos que o universo está em expansão, mas para onde? Ele se expande para o não conhecido, o nada, o infinito, o mistério, para *Olodumare*. E o que acontece com o cosmos, acontece conosco. Expandimo-nos infinitamente para dentro: a subjetividade. O mistério, então, é nossa casa comum. O que mantém essa morada congregada é o amor. O amor-comunhão. A comunidade. O que mantém a

fogueira acesa, em permanente criação e descoberta, é o amor-cósmico, de expansão e singularidade. Duas faces de uma mesma moeda em trocas complementares. A doação comunitária e a restauração cósmica, *pari passu*, na dança da vida dos viventes com os antepassados.

Não há como amar o orixá, se não amar concomitantemente à comunidade e à natureza. Aqui estamos muito longe do estribilho liberal do amor burguês, e do idealismo helênico e cristão que atravessam nossa cultura. Aqui nos separamos de uma educação liberal, baseada no individualismo exacerbado.

O amor é atitude de doação e de entrega, de jogo e de reciprocidade. Quanto mais avançou a modernidade, menos capacidade de entrega tivemos. São projetos civilizatórios concorrentes. As práticas educativas que elenquei no início deste testemunho são eivadas pela experiência do amor-comunhão e do amor cósmico. O que me impele ao Outro é sua alteridade, e não sua transformação em mercadoria. O que me faz relacionar com outrem, está para muito além do que qualquer utilitarismo imediato, ou ato de dominação. O mistério do Outro me convida para a festa das possibilidades. O desejo de ser profundamente *si-mesmo* em comunhão com outra alteridade, desperta o fenômeno da singularidade em processos de criação.

*Educação, doravante, será então, um modo de experimentar o amor, no jogo, na dádiva, na troca, na criação. O amor é a morada onde se dão as práticas educativas libertadoras. Ele não é apenas um elemento a mais. Ele é o recipiente que dá forma à água. É o invólucro que dá volume às experiências formativas de expansão das subjetividades, e de promoção de equidades sociais, raciais, de gênero, origem e sexualidade [Destaque da Editora].*

Nesse sentido, é uma meta-narrativa, posto que atravessa os discursos que mobilizei no início deste testemunho. Ele atravessa o discurso como uma prática, no entanto, pois do amor, mesmo sendo um substantivo, só é possível dar testemunho dele como verbo. Amar se aprende amando. É um gerúndio, pois que ele não se esgota em apenas uma ação, e não pode ser metrificado por período ou quantidade. O amor é contínuo, um acontecendo, uma deriva, uma experiência.

É uma casa. Um abrigo. Mas nossa casa é o infinito, e o infinito é longe. É uma distância que percorro dentro e fora de mim. Os caminhos adentro são tão longínquos quanto os caminhos afora. O corpo e o cosmos estão interligados pelo amor. Os pares dicotômicos da assimetria de poder, Eu-Outro, Indivíduo-Sociedade, Natureza-Cultura, Homem-Mulher, Cis-Trans, Preto-Branco, Adulto-Criança, etc., não são opostos, mas complementares, relacionais. O que os mantém em relação é o amor. O amor é, assim, uma categoria de relação. Não é apenas um sentimento (romântico?), mas um tipo

de relação. É claro que as relações podem se manter por interesse, ódio, poder de submissão. Não nego os muitos tipos de relações que existem. O que testemunho, apenas, é que o amor é também um modal de relações. E esta tem sido, em larga escala, do ponto de vista das escolhas culturais — que, dizem, são inconscientes —, uma escolha da matriz africana no Brasil.

*A Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, a Filosofia da Libertação de Enrique Dussel, a Interculturalidade de Fernet-Betancourt, a Pedagogia multirracial e popular de Maria José, o Amefricanismo e o pretuguês de Lélia Gonzalez, os Feminismos Negros, o Mulherismo Afrikano, o Afrocentrismo, o Pensamento Afrorreferenciado, a EREER e a HCAA, a Pretagogia de Sandra Petit, o Irê Ayó de Vanda Machado, as práticas educativas nas rodas de capoeira, nos xirês de Candomblé, nas giras de Umbanda, nas rodas de samba-de-roda, etc., tem sido práticas informadas pela prática do amor. O amor, neste caso, não é um discurso racional que emoldura sentidos, mas é uma experiência de cuidado e relação que significa e transforma o que toca. E, nesse sentido, é então, um discurso que nos traduz como prática erótica no cuidado do mundo e de si mesmo [Destaque da Editora].*

## Referências

OLIVEIRA, Eduardo (2003). *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Ibeca, Fortaleza. (1ª edição).

\_\_\_\_ (2021a). *Ancestralidade na encruzilhada: dinâmica de uma tradição inventada*. Rio de Janeiro, Ape'ku. (Trilogia da Ancestralidade, Coleção X).

\_\_\_\_ (2021b). *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Rio de Janeiro, Ape'ku. (Trilogia da Ancestralidade, Coleção X).

\_\_\_\_ (2021c). *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro, Ape'ku. (Trilogia da Ancestralidade, Coleção X).

\_\_\_\_ (2023). *O regime ancestral*. Salvador, Segundo Selo. (Coleção Estética da Libertação Africano-brasileira).

## **Sobre o Autor**

**Eduardo Oliveira** é graduado em Filosofia pela *Universidade Federal do Paraná* (UFPR), Especialista em *Culturas Africanas e Educação Brasileira* pela UNIBEM, Mestre em Antropologia pela UFPR, Doutor em Educação pela *Universidade Federal do Ceará* (UFC), Pós-doutor em Filosofia Africana pela Universidade Federal do ABC (UFABC) e em Filosofia Latino-americana pela *Universidad 2 de Febrero*, Caseros, Argentina. É Educador, Ensaísta, Poeta e Babalawô.